

## Apresentação

*La identidad es un término que no sólo reconoce algo que existe en sí. Sino cómo lo sentimos y lo asumimos colectivamente.*

*Henrique Ubieta*

O dossiê sobre *Identidade e Diferença na América Latina* visa tecer considerações sobre um tema amplo e complexo, entendendo que a identidade começa a se manifestar no momento em que se percebe a diferença. Pode-se afirmar que a efetivação de um processo identitário vincula-se diretamente tanto à percepção daquilo que se relaciona com o pertencimento quanto à delimitação do que diz respeito ao outro.

Este número da *Revista Maracanan* apresenta estudos com diversas abordagens sobre os processos identitários que integram e envolvem uma série de elementos criadores. Segundo Woodward (2000), a identidade é marcada por meio de símbolos e a diferença é sustentada por meio da exclusão<sup>1</sup>, donde se conclui que as identidades não são unificadas e que as contradições no seu interior precisam ser negociadas. Nesse contexto, entende-se porque as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas<sup>2</sup>, pois os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. As identidades são contestadas e muitas vezes precisam ser reconstruídas através de um constante processo de inclusão/exclusão.<sup>3</sup>

Entre as diversas abordagens adotadas nesses estudos destacam-se os conceitos apresentados por Manuel Castells, que focalizam a questão da identidade como um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, que prevalecem sobre outras fontes de significado”.<sup>4</sup>

Esse conceito permite compreender porque um indivíduo pode adotar identidades múltiplas, bem como essa pluralidade, que consiste numa “fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social”<sup>5</sup>. Castells também alerta para a necessidade de se estabelecer distinção entre

identidade, papéis e conjunto de papéis. Para ele, as “identidades constituem fontes de significado para os próprios indivíduos ou grupos sociais originadas por eles, e construídas por meio de um processo de individuação”.<sup>6</sup>

Outro aspecto assinalado por aquele autor consiste na construção de identidades formadas a partir de instituições dominantes, especialmente quando os grupos sociais as internalizam, construindo seu significado com base nesse processo. Assim, as identidades são fontes significativas para esclarecer o significado dos papéis e o processo de autoconstrução e individualização que as envolvem.<sup>7</sup>

As identidades organizam significados, enquanto os papéis organizam funções. Castells define *significado* como identificação simbólica, por parte do indivíduo ou grupo social, da finalidade da ação praticada por ele, e o significado se organiza em torno de uma identidade primária (uma identidade que estrutura as demais) auto-sustentável ao longo do tempo e do espaço.<sup>8</sup>

Pelo enfoque teórico oferecido por Castells, o fenômeno da identidade é compreendido por uma série de operações e não se reduz a um conjunto de traços fixos, como essência de uma etnia, de uma nação ou pelas maneiras que grupos e religiões estáveis se imaginam e constroem relatos sobre a sua origem e desenvolvimento. E também como cada membro ou grupo se apropria, modifica e expressa os repertórios de bens e mensagens disponíveis nos circuitos e relações transnacionais e regionais, gerando novas formas de segmentação.

Os textos publicados neste número da *Revista Maracanan* contemplam estudos voltados para aquelas questões, como a reflexão sobre identidade e memória, Diana Araujo Pereira reporta-se ao pensamento crítico da América Latina durante o século XX em *América Latina: cursos e dis-cursos da identidade e da memória*. A autora apresenta como uma de suas principais características a reflexão em torno da questão da identidade. A autora menciona a criação literária ou ensaística em constante diálogo com os processos históricos e sociais que nos demarcam, o que permite e até mesmo incentiva a criação de conceitos e teorias que valorizam a hibridação.

Em *Cultura popular y modernidad temprana*, de Eduardo Kingman Garcés, são apontadas as características fundamentais da estrutura da cultura popular na modernidade e enfatizadas as diferenças entre a cultura artesanal e outras práticas culturais da sociedade, ressaltados os processos de educação como fator interveniente para o avanço da capacitação técnica entre os setores subalternos da sociedade. Também são discutidos a sociabilidade comum e os espaços onde se expressam as práticas de intercâmbio e consumos culturais comuns, onde as identidades se fortalecem.

Para Dejan Mihailovic, em *Orden global: nuevo meridionalismo y desterritorialización del Estado*, a geopolítica funciona com base em fronteiras, identidades

e delimitações que são instáveis e cujo significado varia com frequência. A geopolítica não pode funcionar sem tais fronteiras, porém, quando necessário, em época de crise, abandona aqueles critérios, criando a dialética entre o expansionismo e o isolamento.

No texto *Rússia em “el espejo del capitalismo”* Irina M. Vershinina trata de maneira sutil a questão da identidade. A autora assinala que, ao longo de sua história, a Rússia sobreviveu a várias reformas e em geral acompanhadas de lutas entre os que se identificavam como “ocidentais” e aqueles que se auto-denominavam “eslavófilos”, isto é, entre os adeptos do modelo ocidental e os adictos da via original e nacional. E, em muitos casos, venceram os ocidentais, cuja política se baseava na ideologia da transferência dos modelos ocidentais sobre o terreno russo, construindo novas formas de pensar.

Luiz Henrique Nunes Bahia (*texto in memoriam*) e Maria Cristina Leal analisam os conflitos agrários e a violência que quase sempre os acompanha em *Globalização, integração regional e entraves na política social na América Latina*, como decorrência de um processo historicamente determinado e cujas marcas vêm do período colonial. Dessa forma, questões como Identidade e Diferença encontram-se implícitas em suas análises. Os autores acentuam que esse processo resulta em um modelo de desenvolvimento calcado na elevada concentração da terra, na exclusão social, no desemprego, fome, miséria, na desigualdade de distribuição de renda e êxodo rural de populações camponesas pobres e trabalhadores rurais sem terra, portanto os excluídos, os diferentes. Também assinalam que, se antes eram expulsas recorrentemente do campo, hoje com o MST, estão organizados para reagir e lutar pela reforma agrária. Por outro lado, é inquestionável a importância das ocupações pelos trabalhadores rurais sem terra no sentido de fazer andar a reforma agrária do governo federal. Esses grupos, unidos, procuram reconstruir novas identidades para obterem o reconhecimento necessário para sua sobrevivência.

O processo identitário também é revelado, segundo Maria Teresa Toribio B. Lemos, como marcas de coesão de um grupo social durante a realização de práticas culturais como rituais e manifestações religiosas. No texto *Marcas identitárias e resistência cultural: festas e rituais no México*, a autora acentua como as representações simbólicas nas festividades em homenagem aos Mortos contribuem para construir e manter a identidade da comunidade e integram a cosmovisão de grande parte da população mexicana, especialmente onde predominam a mestiçagem ou comunidades indígenas.

A construção de novas identidades na América Latina e os processos de mestiçagens são analisados por Mariluci Guberman em *O Canibal e suas metamorfoses na América Latina*, mesclando representações indígenas e negras.

A autora trata a questão do canibalismo a partir da paródia de Rubén Darío, que aborda o tema como fosse a decadência do Canibal. Guberman destaca, no Brasil, como o canibalismo pode ser satírico, através da ironia contida em uma crônica de Machado de Assis. Também destaca a perda da tradição devoradora do Canibal na obra *O Mestiço e suas singularidades*, uma das marcas da cultura indígena, ao integrar-se às culturas europeia e africana, transformando-se na cultura mestiça, o elemento primordial da diversidade latino-americana.

Sobre a construção de uma identidade nacional, Marianna Grigorievna Abramova menciona o exemplo do Estado socialista cubano. Em *Construindo identidades: estado social cubano*, analisa a história do movimento revolucionário de libertação cubano e sua experiência de construção de uma sociedade baseada nos princípios da autêntica independência e justiça social. Abramova assinala que o modelo de socialismo escolhido por Cuba é uma tentativa de levar à prática a ideia nacional, adequada às realidades internas e externas e a construção da identidade nacional baseada no Socialismo. Também assinala que a dignidade mencionada por José Martí, destacado pensador, jurista e filósofo, concretizou-se no modelo nacional de Estado Socialista.

Em relação à integração e à construção das identidades, Nilson Alves de Moraes faz profunda análise ao apresentar a colonização na América Latina como um empreendimento complexo e diversificado, que se efetiva segundo os objetivos imediatos a serem desenvolvidos. No texto intitulado *Integração e identidades culturais na América Latina*, Moraes trata a colonização como um sistema fundado na unidade integradora dos setores articulados ao centro de poder e desintegradora do ponto de vista das classes subalternas. Tal relação promove uma integração onde as identidades se definem. O autor demonstra que essa análise só é possível quando enfatiza sua identidade cultural e as relações com o sistema e o mercado simbólico mundial formado ou articulado pelo capitalismo.

Em *Gregório de Matos: presentidade poética, cultura, modernidade, pós-modernidade, identidade em processo*, Raimundo Lopes Matos investiga os processos identitários abordados pelo autor. O estudo ressalta a relevância da poética gregoriana no Brasil – Colônia. Os seus poemas apontam para horizontes bem mais amplos do que os limites do homem poeta Gregório de Matos e para além das fronteiras geográficas, políticas, literárias, culturais e sociais da Bahia e do Brasil. Gregório é investigado, aqui, como poeta fundante, precursor e iniciador da literatura nacional.

No texto *Memória, história e novas identidades: representações dos regimes civil-militares na América Latina*, Ricardo Souza Mendes destaca alguns aspectos

pertinentes à construção das identidades. Observa que, após o estabelecimento dos regimes pós-autoritários, houve uma valorização significativa da memória como instrumento a partir do qual o passado recente, marcado por governos civis-militares repressivos, deve ser compreendido. Para Mendes, o questionamento efetivo do Estado, enquanto guardião do passado, apresenta-se tão somente como um dos diversos aspectos a colaborar para a existência de um intenso confronto de memórias sobre o passado recente da região. Em sua perspectiva, isso contribui para a presença de uma perspectiva fragmentária do passado que afeta diretamente a construção das identidades nacionais.

Ao abordar a América Latina, é de fundamental importância lembrar que a região se caracteriza, ao mesmo tempo, por fatores de unidade e diversidade. Se por um lado observa-se um conjunto plural de identidades culturais existentes, de outro o sentimento de pertencimento do mesmo espaço geográfico, socioeconômico, linguístico e cultural – denominado por América Latina –, é um elemento integrador. A identidade cultural latino-americana produz uma unidade numa diversidade que é, a um só tempo, multiétnica e pluricultural.

A identidade social deve ser compreendida pela capacidade de compreensão, de atuação, e pela percepção de que as pessoas de um determinado grupo têm a respeito de si mesmas, de seus grupos de referência e pelas orientações que essa percepção imprime à sua vida. A identidade social envolve também as experiências e a consciência do pertencimento a um determinado coletivo humano. Dessa forma, compartilha e manipula um referencial social e humano comum. A identidade social e a individual estão profundamente imbricadas.

O estudo da identidade ganha sentido estratégico numa conjuntura de intensas e tensas mudanças sociais. O debate sobre identidade só será compreendido em sua complexidade quando considerado como parte de mudanças nos conceitos e modos de produzir e sentir a nação e o território.

O processo de exclusão produzido pelo modelo social e produtivo de colonização permitiu que a questão da identidade cultural ressurgisse, na segunda metade do século XX, como estratégia discursiva e social de resistência à globalização, revelando possibilidades e a capacidade de organização e mobilização dos grupos locais. Essa identidade constitui instrumento de coesão e mobilização dos diferentes grupos sociais. Em conjuntura orientada pelos valores e interesses dos projetos identificados com a lógica da globalização, a identidade cultural aponta um novo contexto, que se expressa na ideia de um mundo sem fronteiras.

A América Latina é um lugar social que produz espaços identitários preenchidos por símbolos e significados diferentes entre os povos locais, que demonstram a “domesticação” simbólica, relacional e produtiva de um continente

que desconsiderava a lógica histórica e cultural europeia. Permitiu, assim, que fossem produzidas marcas para constituir e reconstituir o *novo continente* para os locais, para aqueles que estavam em outros continentes ou falavam de um lugar diferente do latino-americano.

Agradecemos aos professores Nilson Alves de Moraes e Ricardo Antonio Souza Mendes a colaboração teórica para a apresentação do presente dossiê.

*Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Teresa Toribio Brittes Lemos*

Coordenadora do Laboratório de  
Estudos Políticos das Américas – Lepas/PPGH/Uerj  
Coordenadora Geral do Programa de  
Pós-Graduação em História da Uerj – PPGH

### *Notas e Referências*

- 1 Kathryn WOODWARD. *A identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 9.
- 2 *Ibidem*, p. 11.
- 3 *Ibidem*.
- 4 Manuel CASTELLS, *O Poder da Identidade*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2001, p. 22.
- 5 *Ibidem*, p. 22.
- 6 *Ibidem*.
- 7 *Ibidem*.
- 8 *Ibidem*.